

A Estilística de Euclides

NELSON ERASMO VASCONCELOS

Para se ocupar, ou dizer algo sobre a estilística de Euclides da Cunha, que a todos impressiona, necessariamente tem de remontar-se aos idos de duas ou três décadas anteriores ao ano de ... 1.900, época da formação, ou melhor, da criação cultural do autor de "Os Sertões". Pois, somente considerando fatores diversos de tal tempo, convivência, ambiente, circunstâncias, condições, é que se pode supor, ponderar, as influências determinantes da maneira pessoal que cada escritor possui de exprimir seus pensamentos através da palavra, ou seja, o seu estilo.

No caso de Euclides da Cunha, positivamente, as escolas literárias discutidas na época tiveram a sua grande dose de responsabilidade na tarefa de haver sido escolhido, entre os diversos modos de expressão que a língua lhe ofereceu, aquele que mais se coadunava com a sua produção, o seu trabalho no mundo das letras.

Há que se considerar em meio termo, ainda, tanto as palavras de Buffon, já torcidas pelo estrabismo ou má fé, segundo o qual "LE STYLE C'EST L'HOMME", quanto às honestas de Eduardo Pinheiro, que sentenciavam: "No entanto, erro seria julgar que o estilo é o espelho fiel da alma, como alguns pretendem: o estilo pode manifestar apenas o espírito ou, melhor ainda, algo do espírito, mas não o caráter".

Os quatro lustros que precederam ao ano de 1.900 foram de evolução na literatura nacional, com reformas de princípios e mutações estilísticas, que culminaram, bem mais tarde, com o movimento de 1.922 estabelecendo a Escola Modernista.

Assim, quase meio século marca as transformações por que passaram as letras no Brasil, reflexo direto da evolução da arte, em todo o mundo civilizado.

Pode-se dizer que, nesse interim de nossa História literária, se registraram entreciosos e diversificações na arte de escrever que, logicamente, influíram, de maneira insensível mas profunda, nos espíritos então em formação.

De um lado, remanescentes da Escola Parnasiana fazem pé firme na defesa de seus postulados, no culto excessivos da forma, reagindo ao naturalismo ou realismo consequente da passada era romântica. E, Teófilo filio Dias, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Luiz Delfino, Luiz Guimarães, Vicente de Carvalho, Bernardino Lopes, poetas e prosadores, todos, em qualquer oportunidade, através de livros, colunas de jornais, tertúlias ou serões, alimentavam a imaginação de seus leitores, ouvintes e amigos, dizendo das verdades que encerrava o Parnasianismo, na interpretação exata da mensagem que o escritor tem a externar, através de sua obra. E criticavam a "liberdade" exagerada de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro ou Raul Pompéia, representantes insignes do realismo literário.

E aqueles corifeus, sobrepondo a forma a qualquer outro fator, exigiam que no trabalho literário, tudo o mais fosse sacrificado em holocausto à construção.

De outro lado, surgem Cruz e Souza, Mário Pedreira, Alphonsus Guimarães, com a capacidade e a cultura que os dignificavam para influenciar a intelectualidade contemporânea. Traçam u'a mensagem nova, modificadora da literatura, abrindo outros horizontes para a criação artística. Era o Simbolismo, escola responsável pela marcante projeção do catariense Cruz e Souza, o maior de todos os simbolistas, no cenário da cultura literária pátria.

Servindo-se dos sons como veículos de emoções, os simbolistas abusavam das onomatopéias mas, nem por isso eram antipáticos, pois o grande segredo do sucesso que alcançaram estava no lema: as palavras não devem dizer, mas apenas sugerir o significado. E seguíam à risca os seus princípios, considerando que "preferir-se a um objeto pelo seu nome, é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar, pouco a pouco, sugerido-lhe, notadamente traçado por Mallarmé e seguido por Verlaine, Rimbaud, Jean Moréas, em França, ou Eugénio de Castro, em Portugal. Para o seu fim colimado, isto é, para a exploração dos sons, os simbolistas vão até à alteração dos termos em sua significação etimológica, prosseguindo com certo hermetismo, certa obscuridade de expressão, concretizando o abstrato e abstratizando o concreto.

De outra parte, ainda, o assomo do modernismo já se fazia sentir, irian-do os céus de nossas letras, através de Graça Aranha que, embora não progressivamente, nessa época, o futuro marinheirismo, já deixava entrever em seus escritos a sua contribuição para a renovação das artes e nas letras consequência lógica da transformação do mundo, na política, nas ciências e em todas as atividades humanas, mas, principalmente, na intensificação do espírito libertário dos povos.

Também insensível, porém natural e crescente, o movimento modernista, que viria mais tarde, eclodir com intensidade arrebatadora, na Semana de Arte Moderna de 1.922.

Em meio a essas mutabilidades e ideações, tendo como companheiros, muitas vezes, intelectuais pertencentes a uma que outra escola literária, Euclides da Cunha soube conferir, por sua vez, a intensidade dessas influências, todas, quer do parnasianismo, quer do simbolismo, quer do modernismo e suas pesquisas ao conteúdo da tendência filosófica sistematizada no século XIX por Augusto Comte. Dos 18 anos em diante, Euclides demonstrou ser um positivista. A sua obra está repleta de exemplos denunciatórios de sua intenção de basear-se nos fatos e na experiência, norteados pela filosofia que deriva do conjunto das ciências positivas. Euclides foi um positivista, como o era toda a sociedade militar de seu tempo, que abraçava a ideia comtista, sem embargo da afirmação de Olímpio de Souza Andrade, em sua obra "Histórica e Interpretativa de Os Sertões", onde via:

"Do positivismo, que na Europa foi apenas um sistema filosófico, mas que, no Brasil, foi menos uma filosofia que um sistema religioso e uma força de ação política e de organização social, Euclides recebeu influência que não foi profunda nem duradoura".

O jornalismo, mais que a profissão de engenheiro que, no dizer de Silvio Rabelo, "não correspondia aos apelos de sua vocação", tomou uma parte da existência de Euclides e contribuiu para a solidez de seu modo de exteriorização interpretativa dos fatos, das coisas e da vida. Como repórter de guerra que foi do "Estado de São Paulo", o relato do que via e ouvia teria de ser feito de maneira sucinta, mas completa, sem rodios e sem subterfúgios, de molde a dissecar a matéria, à gosto dos leitores e adstrito às naturais contingências da sua situação de correspondente de guerra, consentâneo ainda com a eterna exiguidade espacial dos órgãos noticiosos, como sempre soue ser o grande jornal paulista.

Acetando a incumbência de Júlio Mesquita, diretor do jornal, Euclides, já com 31 anos de idade, passou a enviar a São Paulo, dos campos de luta da Bahia, na revolução de Canudos, as notícias da campanha. Era o precursor de uma inovação nos métodos do jornalismo, fazendo reportagens ao lido ao vivo. Seu trabalho redatorial era uma visão imediata, porém ampla, do teatro de operações bélicas. Afez-se com facilidade à missão a que se comprometera.

E, não há negar que o estilo jornalístico, imposto pelas circunstâncias, entre preciso e conciso, por vezes as palavras correspondendo com exatidão às ideias, outras tantas fazendo as palavras sugestionar muitas ideias, forçou o autor de "Os Sertões" a acostumar-se com u'a maneira nova de escrever, até então não usada pelos jornalistas.

Assim, diversos foram os fatores que influíram na formação da estilística de Euclides: normativos; convivência com amigos; companhia espiritual de filósofos e outros autores, através de livros; contemporaneidade de diferentes escolas literárias em confronto; relação direta com a natureza e todos os imprevisíveis que ela contém; impactos emocionais e sur-

preendíveis dos entreciosos humanos; e, acima de tudo, a sua honestidade de propósitos em externar o que pensava, via e ouvia, sem falseamentos deslestradores da realidade.

Pode parecer estranho que qualquer desses fatores, ou todos, em conjunto, numa resultante amalgama, sejam passíveis de deixar sua marca indelével no espírito de alguém, a ponto de interferir no encontro e na fixação de seu próprio estilo. Todavia, difícil é saber-se a delimitação exata, a região lideira dos campos da literatura que medeia entre a escolástica e a estilística.

Exemplo da assertiva dessa influência é a confrontação de obras de um mesmo gênero, escrita por autores pertencentes a u'a mesma escola literária. Tomemos a poesia dos românticos Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. Há profundidade na diferenciação estilística de ambos, entre si? Os menos avisados poderiam até confundir-se e bem verdade que têm estilo próprio, mas a contingência da igual corrente literária pôde fazer com que ambos e, talvez, outros, se aproximassem da maneira própria de cada um expressar-se. Outro exemplo? Os arcadistas do Grupo Mineiro.

A obra euclidianas é de uma feição própria, singular. Inútil é classificá-la, como já se fez, como pertencente ao gênero descritivo, narrativo ou dissertativo. E inútil será considerá-la, quanto a escolas literárias, como de historiador romântico segundo se observa até em compêndios didáticos. É uma propriedade SUI GENERIS de Euclides o não encaixar-se e não ater-se a qualquer dessas facetas literárias, o que obriga a identificá-lo em sua própria, estilística, quer ante a QUALIDADE, quer ante a QUANTIDADE, apresentando-se simultaneamente, singelo, moderado e veemente e, ainda, com precisão, concisão e por vezes, redundante.

Contudo, generalizadamente, pode-se observar que a obra euclidianas prima pela sua honestidade sem que, com isso, possa ser classificada apenas por esse prisma. A honestidade de externar o que sente, de revelar a realidade das coisas, de expressar-se segundo o seu íntimo, é uma virtude rara nos escritores, e que resalta à primeira vista na obra de quem a cultiva. Euclides assim se identifica facilmente, pelo simples fato de convencer sem maiores indagações.

"Os Sertões" e outros livros de Euclides foram escritos não por diletantismo ou vaidade, mas obedecendo a um imperativo interior, para externar u'a mensagem descritiva de uma época da realidade brasileira e ao mesmo tempo, para cooperar na renovação dos costumes e do comportamento social, não só regionalístico, mas generalizado da comunidade nacional sua contemporânea. E o fez com segurança e conhecimento de causa soltudo, com inextinguível sinceridade. Sinceridade de propósitos para consigo mesmo é para com os seus semelhantes. Euclides viu o que viu com os olhos de um pesquisador, melhor abertos graças à sua condição de engenheiro a quem não passam despercebidos quaisquer ângulos técnicos de um setor e com o coração voltado para as necessidades humanas, por força de seus naturais predicados de humanismo.

No resultado dessas experiências, dessa franqueza e dessa honestidade no escrever é que reside a maneira peculiar de Euclides exprimir seus pensamentos, é que se fundamenta o seu estilo.

E, a grande comprovação do conceito de que a estilística de Euclides da Cunha é o resultado do seu temperamento e virtudes pessoais, da convivência com homens de todos os estádios de aculturação, da intimidade com intelectuais corifeus de diversas escolas literárias, da diversificação de suas próprias atividades como técnico de engenharia, jornalista, antropologista e historiador, de predileção pela corrente filosófica de Comte, de sua aproximação espiritual com obras literárias de autores os mais diversos, essa comprovação, repita-se, está no fato de surgir como escritor consumado e literato de nomeada desde a sua obra "Os Sertões" grandiosidade basililar da literatura nacional e trabalho dignificador da cultura continental.

Euclides não passou, como a maioria dos escritores, pelos estágios desenvolvimentistas de uma vida literária. Surgiu grande em seu primeiro livro sem sofrer mutações sensíveis a sua maneira de escrever nas obras posteriores. E porque já encontrou o seu estilo amalgamado por tantos impactos e tanta experiência

próprias de uma vida atuante, porém meditativa.

Vindo em socorro de semelhante assertiva, afirma o Prof. Wolfgang Kayser, em seu importante trabalho de pesquisa "ANÁLISE e Interpretação da Obra Literária" referindo-se à Escola de Munique: "peculiaridade da chamada escola de Vossler reside precisamente em interpretar o sistema linguístico pessoal dum poeta, como, expressão de sua personalidade. Assim, Vossler interpreta o estilo dum determinado escritor como um "lugar amigável", como um "magneto ou polo" "ao qual se liga uma corrente de formas significativas linguísticas, como as há ocasionalmente e espalhadas em

todas as línguas de todos os tempos e povos; da sua cristalização resulta um ordenado sistema linguístico pessoal". E, quando Leo Spitzer reconhece a necessidade de elaborar um quadro total de um determinado estilo, eis então que se deve "reunir tudo quanto num autor seja estilisticamente notável e relacioná-lo com a sua personalidade".

E, pois tendo em vista tudo isso, que podemos dizer que, não obstante todas as restrições e dúvidas que se lhe possam apresentar, ainda assim, mais que qualquer outro, acentuada originalidade, e negáveis traços de perpetuidade e selvagem beleza.

